

A TERRÍVEL SIMETRIA: LITERATURA E PSICANÁLISE NO PERSONAGEM RORSCHACH, DO ROMANCE GRÁFICO *WATCHMEN*, DE ALAN MOORE E DAVE GIBBONS

Jeferson de Moraes Jacques¹
Andressa Mueller²

RESUMO

Histórias em quadrinhos são um popular meio de entretenimento. Do início do século XX, ocasião do aumento de sua popularidade e circulação, até meados dos anos 70, eram consideradas como produto puramente mercadológico. Porém, autores interessados em atrair a atenção dos leitores literários começaram a publicar narrativas gráficas que possuem características que as aproximam mais de obras literárias do que do formato convencional de quadrinhos: os chamados romances gráficos. No processo criativo dessas obras, compostas de forma mais madura e detalhada, os autores fazem uso de outras ciências para a construção da narrativa e dos personagens. O objetivo geral do presente trabalho é estudar a construção do personagem Rorschach, da obra *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons, na perspectiva da teoria da literatura e da psicanálise, ciência da qual os autores utilizaram pressupostos para criar o personagem. O objetivo específico é, por meio do estudo de um personagem de narrativa gráfica dentro da teoria da literatura e da psicanálise, ampliar o âmbito dos estudos literários para os romances gráficos.

Palavras-chave: Rorschach. Literatura. Psicanálise.

ABSTRACT

Comic books are a popular means of entertainment. The early twentieth century, when the rise of its popularity and circulation, until the mid-70s, were regarded purely as a product marketing. However, authors interested to attract the attention of readers of literature, began publishing graphic narratives which have characteristics closer to the literary works than the conventional format of comics: the so-called graphic novels. In the creative process of these works, composed in a more mature and detailed way, the authors make use of other sciences to construe the narrative and the characters. The main objective of this work is to study the construction of the character Rorschach, from the work *Watchmen*, by Alan Moore and Dave Gibbons, in the view of Literary Theory and Psychoanalysis, science used by the authors in to create the character. The specific goal is, through the study of a character from a graphic narrative in the view of theory of literature and psychoanalysis, broaden the scope of literary studies for graphic novels.

Keywords: Rorschach. Literature. Psicanálise.

¹ Graduado em Letras – Português, Inglês e Respectivas Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor nomeado no magistério estadual. Pesquisador de histórias em quadrinhos e teoria da literatura. E-mail: jeferson.montag@gmail.com.

² Graduada em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestranda em Ciências Médicas - Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora de gênero e sexualidade. E-mail: andressalauren@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO – AS TREVAS DO MERO SER

Literatura e histórias em quadrinhos tiveram uma origem comum: o ato de contar histórias. Os romances gráficos, que Guedes (2008, p. 207) define como publicações em quadrinhos voltadas para o público adulto, são um gênero em ascensão. Embora os quadrinhos não sejam considerados literatura por excelência e tampouco tenham pretensão de o ser, justamente por serem outra forma de arte, é relevante observar que eles parecem buscar leitores de literatura.

Eisner (2005, p. 8), quadrinista e pioneiro nos estudos teóricos dos quadrinhos, aponta que o amadurecimento e o conteúdo literário nos quadrinhos iniciaram-se em 1965, com a crescente busca, pelos autores de quadrinhos, de tratar de assuntos até então vistos como território exclusivo da literatura. Assim, aumentando os temas adultos, aumentou também a idade média do público leitor. Com isso, houve a popularização do termo *graphic novel* (romance gráfico), pelo seu aparecimento na capa da obra *Um contrato com deus e outras histórias de cortiço*, do próprio Will Eisner, publicado em 1978. Guedes (2008, p. 207-208) refere-se ao livro de Eisner como uma coletânea de pequenas, maduras e complexas histórias de pessoas comuns do mundo real. Nessa mesma linha, os quadrinhos de super-heróis também tiveram obras maduras que serviram para atrair leitores literários.

A capacidade recriadora da realidade, feita por meio de características próprias dos quadrinhos, somadas ao uso de outras ciências em sua concepção, fez com que alguns romances gráficos concorressem e até vencessem prêmios literários. Logo, isso prova que essa forma de contar histórias é passível de análise pela teoria da literatura. É justamente nesse quesito que é direcionado o foco deste trabalho: como exemplo dessa tendência inovadora dos quadrinhos, de conceber personagens cada vez mais próximos da vida real, é feito um estudo do personagem Rorschach, do romance gráfico *Watchmen*, escrito por Alan Moore e ilustrado por Dave Gibbons, e de como conceitos da teoria da literatura e da psicanálise se somam para a concepção do célebre personagem.

2 “QUEM VIGIA OS VIGILANTES?”

Watchmen (“Vigilantes”) é um romance gráfico da editora norte-americana DC Comics, escrito por Alan Moore e ilustrado pelo desenhista Dave

Gibbons, ambos britânicos. A obra foi lançada nos Estados Unidos entre 1986 e 1987, em doze edições, sendo relançada diversas vezes nos anos seguintes. Suas características desconstrutoras do próprio gênero o levaram a ganhar prêmios como Kirby³ e Eisner⁴, bem como obter uma homenagem especial no tradicional Prêmio Hugo⁵ de Literatura, além de ser a única obra em quadrinhos lembrada pela revista *Time* como um dos 100 melhores romances desde 1923.

Alan Moore teve a ideia de criar uma história fechada, adulta, um drama conduzido por questões históricas, filosóficas e morais, no qual os heróis existem de verdade no contexto mundial de 1985, e sua existência afeta diretamente a sociedade, a política, a economia, as artes e o avanço tecnológico.

A obra conta a história de um grupo de super-heróis às voltas com a violência urbana, a hostilidade da população, o seu papel na sociedade em meio ao medo da iminente Terceira Guerra Mundial, e seus diferentes valores morais e éticos, bem como seus dilemas, definidos pela história de cada um.

Nesse universo ficcional em que se passa *Watchmen* (assim como na nossa realidade), as histórias em quadrinhos de super-heróis existiram. As próprias histórias do *Superman*, realmente publicadas na revista *Action Comics*, serviram de inspiração para o surgimento dos supostos “heróis reais” no universo fictício de *Watchmen*. Cada aventureiro que aparecia servia como motivação para o surgimento de outros. Assim, a revolta da população e a greve da polícia, motivadas pela existência dos “super-heróis de verdade” e pelo fato de estes serem mascarados e estarem acima da lei, tiveram como consequência a Lei Keene, que obrigava os mascarados a se registrarem, o que provavelmente lhes colocaria na condição de submissão ou lhes tiraria a liberdade de agir anonimamente.

³ Popularmente referido como Kirby Award, foi uma premiação de quadrinhos concedida entre 1985 e 1987. O nome é uma homenagem ao quadrinhista Jack Kirby.

⁴ Prêmio voltado às melhores obras em quadrinhos do ano anterior. O nome é uma homenagem ao quadrinhista e teórico Will Eisner.

⁵ Prêmio voltado às obras de fantasia ou ficção científica. O nome é uma homenagem a Hugo Gernsback, fundador da revista de ficção científica *Amazing Stories*.

Assim, alguns se aposentaram e revelaram sua verdadeira identidade secreta para lucrar com a atenção dos meios de comunicação, outros continuaram seus trabalhos sob a supervisão do governo, e outros se aposentaram no anonimato. Houve ainda a opção de continuar as atividades na condição de fora-da-lei, como o fez Walter Kovacs, o Rorschach, objeto de estudo do presente artigo.

3 “A CIDADE TEM MEDO DE MIM”

Walter Kovacs é o nome civil do vigilante Rorschach. Ele é filho de uma mulher abandonada pelo marido dois meses antes de ele nascer, o que a levou a exercer a prostituição. Com a mãe, o menino sofria “espancamentos frequentes e exposição aos piores excessos de um estilo de vida de prostituição” (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 206).

Durante a adolescência, ficou internado em uma escola especial, onde obteve boas notas e tinha bom comportamento, embora seu jeito introspectivo e certos trabalhos escolares chamassem bastante a atenção. Aos dezesseis anos, recebeu a notícia da

morte de sua mãe, o que o fez deixar o orfanato para ir trabalhar em uma indústria de confecção. Lá, uma cliente de nome Kitty Genovese encomendou um vestido feito com um tecido de tecnologia especial desenvolvido pelo Dr. Manhattan (único personagem na história com superpoderes). A cliente desistiu da compra, por não ter gostado da vestimenta, que possuía duas cores: preto e branco, que se moviam constantemente, mas sem mesclarem-se. Tempos depois, a moça fora assassinada à vista de várias pessoas na cidade, que nada fizeram para socorrê-la. Valter, ao ver a notícia no jornal e ter reconhecido a vítima, indignou-se. Pegou os restos do vestido que ela não quis e fez, para si, a máscara, que era, nas palavras do personagem em seu diário, “um rosto” que ele “pudesse tolerar quando olhasse no espelho” (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 186).

Assim, surgiu a dupla identidade: à luz do dia, Valter veste-se como um maltrapilho inofensivo que porta uma placa com os dizeres “O fim está próximo”. À noite, com o nome de Rorschach e usando a máscara, combate o crime.



Figuras 1 e 2 - Valter Kovacs

Fonte: Desenhos de Dave Gibbons, cores de John Higgins (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 185, 76, 30 e 453).



Figura 3 e 4 - Caracterização do vigilante Rorschach

Fonte: Desenhos de Dave Gibbons, cores de John Higgins (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 185, 76, 30 e 453).

No princípio, suas atividades de vigilantismo possuíam um caráter moderado no quesito violência. Isso mudou depois de uma investigação de desaparecimento de uma menina. Suspeitando de sequestro, Rorschach encontrou a casa do suspeito. Porém, certos elementos no ambiente (manequins femininos, roupas rasgadas, instrumentos cortantes e mesa de corte), somados à voracidade com que os cães no pátio comiam um osso, o fizeram concluir que o sequestrador, após violentar e assassinar a vítima, deu o corpo aos cães. Tal brutalidade despertou em Walter um sentimento de revolta, que o fez incendiar o local depois de ter matado os cães e algemado o assassino. Tendo assim se tornado um vigilante mais violento e implacável, Valter manteve a identidade de Rorschach ilegalmente após a aprovação da Lei Keene, que previa que todos os vigilantes abandonassem tais atividades.

4 SOB(RE) O CAPUZ – LITERATURA E PSICANÁLISE

A teoria da literatura, de acordo com Souza (2007, p. 8), é uma disciplina que visa a estudar textos literários como objetos de questionamentos e problematizações e possui origens na Grécia clássica. Souza (2007, p. 24-25) aponta que conceitos

básicos da clássica obra *Poética*, de Aristóteles (1966, p. 78), ainda são amplamente estudados, tais como a mimese, que pressupõe o texto ficcional como imitação da realidade, e a verossimilhança, que é ter uma lógica interna organizada de modo a ter “vero-similhança”, ou seja, semelhança com o vero, o verdadeiro. E é nesses quesitos que se situa o personagem Rorschach com suas características.

Impiedoso e incorruptível, Rorschach é considerado, pela comunidade, um psicopata desequilibrado. Não usa um uniforme de herói, apenas sapatos velhos, calça, sobretudo e chapéu, além da máscara com as manchas simétricas. Vive em um pequeno apartamento, pouco se alimenta, quase não dorme e não mantém constância nos hábitos de higiene. Não possui qualquer vínculo social, tampouco amoroso, pois tem repulsa a tudo que seja referente à sexualidade, dada a realidade em que viveu na infância. Embora seus métodos e seu jeito antissocial não sejam bem vistos por seus companheiros vigilantes, Rorschach valoriza sua integridade acima de tudo. Tais características fazem de Rorschach um personagem crível, de existência possível na realidade, visto que, em vez de superpoderes, é motivado por questões

morais e psicológicas. Logo, Rorschach, com tais características, diferente da maioria dos personagens de quadrinhos vistos até então, situa-se claramente nos conceitos aristotélicos de imitação (mimese) da realidade e de semelhança com ela (verossimilhança).

Rorschach, ao contrário do que aparece nos quadrinhos anteriores de super-heróis, é um exemplo de personagem a que Forster (1969, p.48), quando discorre sobre concepção de personagens literários, chama de real não por ser como nós (embora possa sê-lo), mas porque é convincente. Os autores Alan Moore e Dave Gibbons apresentam, tanto no aspecto psicológico quanto no aspecto gráfico, personagens com características que fogem daquilo que o leitor espera ver em uma história de super-heróis. O próprio termo “super-heróis” não é usado na obra, pois é substituído por equivalentes, como “vingadores mascarados” e “aventureiros fantasiados”, já que, no contexto da história, a exemplo da nossa realidade, super-heróis pertencem apenas ao mundo da literatura e dos quadrinhos.

Entendamos, inicialmente, o significado de personagem de romance de acordo com Moisés (1969, p. 226-227): “‘pessoas’ que vivem dramas e situações, à imagem e semelhança do ser humano, ‘representações’, ‘ilusões’, ‘sugestões’, ‘ficções’, ‘máscaras’.” *Watchmen* partilha dessa mesma consideração da teoria da literatura na condição de obra romanesca: enquanto os primeiros super-heróis (criados ao final da década de 30 e início da década seguinte) tinham como características principais extrema confiança e segurança e tinham um condicionamento físico adequado para o que faziam, além de a maioria ter superpoderes, a obra de Alan Moore e Dave Gibbons apresenta apenas simples seres humanos mascarados e com problemas e frustrações humanos.

O motivo do uso das máscaras situa-se entre o altruísmo tradicional, típico dos heróis dos quadrinhos, e o ato de evasão da difícil realidade que a maioria desses críveis personagens vivencia. Massaud Moisés aponta a não linearidade da vida real como algo promissor para a construção de um personagem literário crível:

[...] Age dum modo aqui e agora, e doutro modo mais adiante e em hora diferente, sempre disponível psicologicamente para o que der e vier. Não se pode prever como

agirá, porque nem ela o sabe, tampouco os leitores. A permanente improvisação conduz a intriga para um aparente beco sem saída. O resultado é uma aproximação cada vez maior com a vida, anseio perene do romance desde o seu nascimento. Ou, se se preferir, um sequioso desejo de espelhar a vida transfundida em arte. (MOISES, 1969, p. 161)

Forster, conforme visto, chega a chamar personagens de “pessoas”, e Moisés fala sobre a flexibilidade, a mudança de atitude do personagem (tal qual uma pessoa) em determinados contextos. A seu modo, ambos se referem a personagens como seres análogos a pessoas, não fugindo, assim, dos clássicos conceitos aristotélicos de imitação (mimese) e semelhança com o real (verossimilhança). O próprio escritor de *Watchmen*, Alan Moore, em seu livro *Writing for comics*⁶, fala sobre seu processo de criação de personagens. Suas afirmações levam à inevitável aproximação entre ele, Forster, Moises e o próprio Aristóteles:

O fato é que, como as concepções iniciais de trabalho sobre as quais os personagens [de quadrinhos tradicionais] são construídos são limitadas e altamente inviáveis, então também assim serão os próprios personagens. [...] Um ponto lógico por onde se começar pode ser simplesmente sair e observar algumas pessoas do mundo real. Você pode [também] perceber que as pessoas mudam sua personalidade dependendo de com quem elas estejam falando. Elas têm uma linguagem diferente quando estão falando com seus pais da linguagem que usam quando se dirigem aos seus colegas de trabalho. Elas variam sua atitude e seu temperamento a todo instante. Com frequência, farão coisas que parecerão completamente estranhas à sua natureza. Observações simples e comuns como estas ajudam a impulsionar a mente criativa a um entendimento mais completo de caracterização bem mais do que curtas generalizaçõeszinha sobre o fenômeno.⁷ (MOORE, 2003, p. 25)

⁶ Livro que reúne uma série de ensaios do autor anteriormente publicada no *The Comics Journal*, jornal norte-americano sobre quadrinhos.

⁷ Traduzido do original em inglês pelos autores do presente trabalho.

Personagens semelhantes ao ser humano são feitos com as medidas comportamentais e emocionais necessárias para a funcionalidade que a narrativa em questão exige, embora levem consigo muito de seu criador, que, para criá-las, tem como base sua vivência, suas alegrias e frustrações, bem como suas experiências de leitura. Logo, personagens não surgem do nada.

O romancista arranja uma porção de massas verbais, descrevendo a grosso modo a si mesmo [...], dá-lhes nomes e sexos, determina-lhes os gestos plausíveis e as faz falar por meio de aspas e talvez comportarem-se consistentemente. Elas não chegam assim frias à sua mente, podendo ser criadas em delirante excitação. Sua natureza, no entanto, está condicionada pelo que o romancista imagina sobre outras pessoas e sobre si mesmo, e, além disso, é modificado por outros aspectos de seu trabalho. (FORSTER, 1969, p. 34)

Novamente, Alan Moore compartilha com Forster sua ideia de concepção de personagem verossímil:

Uma conclusão a qual cheguei é que quase todo mundo tem um número praticamente infinito de facetas em sua personalidade, mas que preferem focalizar em apenas um punhado delas na maior parte do tempo. Temos áreas em nosso interior que são cruéis, impetuosas, covardes, libidinosas, violentas, mesquinhas... Se pudermos descrever um personagem com estes atributos, poderemos estar preparados para encarar áreas de nossa personalidade que sentimos menos confortáveis à nossa vista e fazer uma avaliação honesta do que vemos. Reciprocamente, todos temos facetas que são nobres, heroicas, altruístas ou carinhosas, nos importando ou não em admiti-las. Ao criar um personagem nobre, você deve primeiro tentar enxergar qualquer fagulha de nobreza que possa haver em você, mesmo que seja improvável a possibilidade de sua existência durante seus momentos de exposição.⁸ (MOORE, 2003, p. 26-27)

Compartilhando as visões de Forster e Moisés, Alan Moore e Dave Gibbons apresentaram detalhamentos na construção do personagem por meio de ações, falas e sutilezas visuais em sua representação gráfica. Assim sendo, é necessário que haja identificação entre o leitor e o(s) personagem(s). De acordo com Forster (1969, p. 48), os personagens “são reais não por serem como nós (embora possam sê-lo), mas porque são convincentes”, e, provavelmente, o que os separa de pessoas reais é a possibilidade de o leitor poder conhecê-los tanto quanto gostaria de conhecer (ou pensa conhecer) seus semelhantes. A aproximação da obra de Alan Moore e Dave Gibbons à teoria da literatura demonstra a qualidade dos personagens, que ganham dimensão de interioridade, passível de uma abordagem psicanalítica.

A psicanálise, de acordo com Eagleton (2006, p. 227-229), foi criada pelo médico neurologista Sigmund Freud, em Viena, ao final do século XIX. É um campo de conhecimento que visa a estudar a psique humana a partir de características vistas no ser humano daquele período. Para Freud, o ser humano, devido à necessidade de trabalho e sobrevivência, acaba tendo que reprimir sua busca por prazer e satisfação (o “princípio do prazer” dando espaço ao “princípio da realidade”). Assim, a pessoa acaba podendo seus desejos, tornando-os culposos e reprimindo-os para o inconsciente, que é, de acordo com a explicação de Eagleton (2006, p. 236) a respeito do pressuposto de Freud, um lugar e um não lugar, não diretamente acessível pela memória consciente e que, diferente da realidade, não conhece lógica, negação, causalidade ou contradição e é totalmente entregue ao prazer e aos impulsos. A repressão excessiva dos desejos para o inconsciente pode tornar o ser humano mentalmente doente e/ou vulnerável. Para Freud, de acordo com Zimerman (1999, p. 21-23), o inconsciente também é onde involuntariamente estão armazenadas imagens e lembranças de eventos que, de tão traumáticos, não vêm ao plano consciente. Freud acreditava que tais eventos, embora não lembrados por resistência involuntária da pessoa, ainda influenciam em sua organização mental e, conseqüentemente, em suas atitudes e escolhas, afetando sua saúde e qualidade de vida. Logo, a saída era trazê-los para o plano consciente, de modo a contextualizá-los e

⁸ Traduzido do original em inglês pelos autores do presente trabalho.



Figura 5 - Lâmina do Teste de Rorschach

Fonte: Imagem disponível na página Egolegal (Blog sobre saúde mental, psiquiatria, e assistência de enfermagem em saúde mental).



Figura 6 - Máscara do vigilante Rorschach

Fonte: Desenho de Dave Gibbons, cores de John Higgins (MOORE; GIBBONS, 2009, p.146).

compreendê-los melhor. Um famoso teste usado em algumas linhas de estudo da psicanálise é o que dá nome ao personagem estudado: a Prova de Rorschach.

De acordo com artigo publicado na página Escola de Rorschach de São Paulo, a Prova de Rorschach foi elaborada pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach em 1921. Ela consiste em dez lâminas com borrões de tinta distribuídos simetricamente. Na aplicação da prova, feita apenas individualmente, as lâminas são mostradas ao examinando uma de cada vez, e este deve dizer livremente com o que acredita serem parecidos os borrões. Com a prova, é possível verificar a estrutura e a dinâmica da personalidade de cada examinando

em particular, indicando não só as dificuldades, mas também os recursos positivos, compreender os distúrbios psíquicos, o valor e o significado de algum sintoma clínico e orientar para o tratamento mais adequado. De acordo com Costa (2013), em artigo publicado na própria página da Sociedade Rorschach de São Paulo, com a prova de Rorschach, o sujeito também pode revelar motivações, emoções, conflitos, preocupações, formas de administrar situações de *stress* e assim por diante.

A observação da imagem de uma lâmina da Prova de Rorschach, ao lado de uma imagem da máscara usada pelo personagem em *Watchmen*, evidencia a semelhança e a simetria bilateral em ambas.



Figuras 7 e 8

Fonte: Desenhos de Dave Gibbons, cores de John Higgins (MOORE; GIBBONS, 2009, p.143 e 170).

Seguindo a ideia psicanalítica da Prova de Rorschach, McCloud (2008, p. 58-59), no terceiro livro em que teoriza sobre quadrinhos⁹, refere-se à simetria como “uma das mais básicas qualidades visuais que caracterizam todas as coisas vivas e nos separam do mundo não-vivo”. Para o autor, ela é a “parte de nós mesmos que gera afeição quando a vemos em nossos parentes mais próximos e nos deixa inquietos quando a vemos nos mais distantes”.

O episódio V de *Watchmen*, intitulado *Terrível Simetria*, é análogo ao personagem Rorschach. Porém, os autores foram além: há um esquema de simetria nas páginas desse capítulo: nos critérios de disposição e formato dos quadros, bem como

nas cores predominantes em cada quadro, a última página espelha-se com a primeira, a penúltima com a segunda, a antepenúltima com a terceira, assim sucessivamente.

Figs. 7 e 8: simetria no enquadramento das páginas 143 e 170, respectivamente, primeira e última página do episódio V. Nota-se, inclusive, simetria nas cores utilizadas em cada quadro. As tonalidades de azul, verde e violeta, bem como as tonalidades de vermelho, amarelo e laranja encontram-se nos mesmos quadros, em ambas as páginas, de forma espelhada.

Retomando a fala de Shüller (1989, p. 40), nos pressupostos vistos sobre teoria da literatura, a própria palavra *personagem* é derivada de *persona*, a máscara do teatro romano, logo, o personagem é “tão teatral quanto ator. Máscaras a esconder o caráter esquivo das personagens definem bem os entes que povoam o mundo romanesco.” Walter Kovacs, quando caracterizado como vigilante, usa a máscara com a imagem de uma lâmina do Teste de Rorschach, com borrões de tinta que se movem

⁹ *Desenhando quadrinhos*, terceiro e último livro do teórico até então. Nesse volume, ele explica outros aspectos, tais como criação de personagens com linguagem corporal e expressões corporais, cenários e enquadramentos adequados.

constantemente, porém sem jamais perder assimetria, característica tão procurada pelo ser humano no universo em que habita, para identificação e/ou projeção de si mesmo.

A Prova de Rorschach é um teste projetivo. Entendamos o que é projeção de acordo com o *Vocabulário da psicanálise*:

Termo utilizado num sentido muitogeral em neurofisiologia e em psicologia para designar a operação pela qual um fato neurológico ou psicológico é deslocado e localizado no exterior [...]. No sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo ‘objetos que ele mesmo desconhece ou recusa nele’. (LAPLANCHE, 2001, p. 374)

Tendo em vista a história do personagem Valter Kovacs/Rorschach e suas atitudes e pensamentos em relação ao mundo, é possível falar da sua característica literária da verossimilhança no aspecto psicológico. Valter Kovacs/Rorschach faz julgamentos tendo como base um senso de moral extremo e incorruptível, forçadamente oposto ao estilo de vida amplamente violento ao qual foi exposto na infância e na adolescência. Isso lhe impediu de viver e compreender a própria sexualidade, dado o exemplo que teve de sua mãe. Assim, ele projeta nas pessoas certos aspectos que evita ou não consegue ver em si mesmo, justamente por se parecerem com o que julga imoral, e a isso atribui a culpa pela realidade política e social do país:

Diário de Rorschach, 12 de outubro de 1985 – [...] As ruas são sarjetas dilatadas cheias de sangue e, quando os bueiros transbordarem, todos os vermes vão se afogar. A imundície de todo sexo e matanças vai espumar até a cintura e as putas e os políticos vão olhar para cima gritando ‘salve-nos’... E eu vou olhar para baixo e dizer ‘não’. Eles tiveram escolha, todos. [...] Mas seguiram os excrementos de devassos e comunistas sem perceber que a trilha levava a um precipício até ser tarde demais. E não me digam que não tiveram escolha. (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 7)

Na história, Valter, enquanto está preso, chega a ser avaliado com uma prova de Rorschach por um psicanalista. O avaliador pergunta: “bem, eu imagino que você saiba o que é isto [mostrando a lâmina] [...]”. E então, Valter, o que é? O que vê?; e Valter vê, nos borrões da lâmina, a imagem da cabeça partida de um dos cães pertencentes ao assassino da menina desaparecida, caso que foi sua motivação principal para o trabalho como vigilante. Porém, ele mente, dizendo que vê “uma linda borboleta” (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 177). Rorschach, embora faça os criminosos olharem para uma lâmina desse teste em sua face, ele evita olhar para si mesmo quando exposto à prova, manipulando-a.

O extremo moralismo de Valter, de acordo com o conceito de projeção visto acima, é um ato próprio de projeção. As formas violentas de punir aqueles a quem julga impuros é proporcional à força feita pelo próprio personagem para não ver e não reconhecer em si mesmo a imoralidade (que tão bem conhece, dada a história de sua infância). Valter não quer ser examinado, não quer que um profissional lhe dê um diagnóstico sobre sua personalidade. Não quer ver e tampouco quer que alguém veja certas características suas que

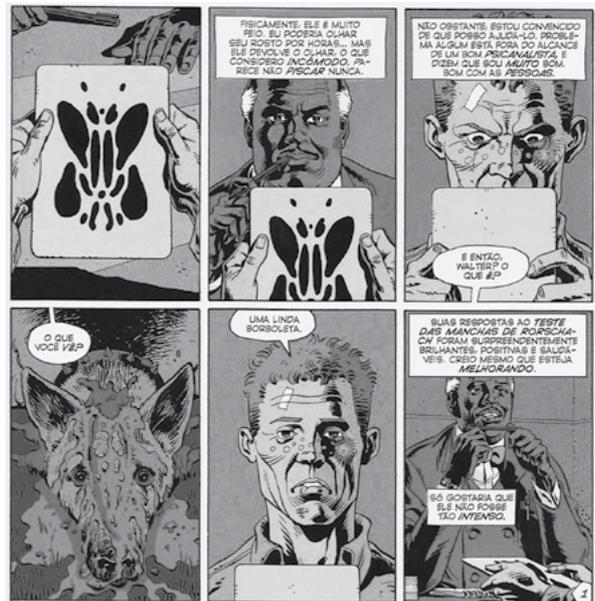


Figura 9 - Valter manipula a prova de Rorschach aplicada nele pelo psicanalista, na prisão
Fonte: Desenhos de Dave Gibbons, cores de John Higgins (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 177).

ele tanto evita assumir que tem: a sujeira (hábitos inconstantes de higiene), a podridão (torturas e assassinatos cometidos) e a desonestidade (manipulou a prova em consulta psicanalítica e, enquanto mascarado, coloca-se acima da lei). Tais características ele inconscientemente resiste a ver em si mesmo e projeta no mundo ao seu redor e nas pessoas, sentindo por elas o ódio que sentiria de si mesmo.

Valter usa a máscara por ter “vergonha do restante da humanidade” e refere-se à máscara como “um rosto”, que ele “pudesse tolerar quando olhasse no espelho” (MOORE; GIBBONS, 2009, p. 186). A suposta “vergonha”, o personagem a sente em relação a si mesmo, visto que não suporta ver o próprio rosto. É mais fácil, para a pessoa com determinados traumas graves, enxergar e condenar nas coisas e nas pessoas do mundo externo as características relativas a tais traumas do que sequer cogitar a ideia de ter qualquer fagulha de semelhança delas em si, pois isso lhe traria grande sofrimento. Exemplo: características de promiscuidade da própria mãe trouxeram sofrimento a Valter Kovacs. Assim, a força feita inconscientemente por ele para não se aproximar do universo traumático representado pela figura de sua mãe é canalizada no julgamento severo e na violência aplicada a pessoas que, de acordo com seus critérios, possuem tais características.

O conceito de projeção transborda da personalidade do personagem para sua caracterização física e até para a diagramação das páginas. Ele possui verossimilhança externamente, devido à aproximação com a realidade do leitor, e internamente, dada a coesão na ordenação dos fatos dentro da própria história, que é um universo criado, e, obviamente, com suas próprias leis. Embora não tenha sofrido qualquer transformação de comportamento até sua morte, no final da obra, tais características fazem de Valter/Rorschach um personagem psicologicamente bem desenvolvido e, literariamente, crível e verossímil.

5 “O FIM ESTÁ PRÓXIMO” - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons, de evidente característica recriadora da realidade, rapidamente tornou-se um divisor na

história das histórias em quadrinhos. A semelhança de *Watchmen* com o gênero literário romance a faz ser um romance gráfico por excelência e poder ser estudada como tal. Shüler (1989, p.12) fala da importância do rompimento dos procedimentos de criação literária que estão em voga, pois isso possibilita a libertação do peso da tradição, além de colocar novos fundamentos e reinventar caminhos. A influência, ou até a quase fusão entre dois gêneros, exemplificada pelos primeiros quadrinhos adultos, cujo conceito se estendeu para os quadrinhos de super-heróis, a exemplo de *Watchmen*, gera gêneros diferentes que, naturalmente, irão exigir critérios diferenciados para seu estudo. Estudar um romance gráfico dentro da perspectiva da teoria da literatura é uma forma de ampliar a área de estudos desta última, visto que autores de ambas as artes criam seus universos ficcionais e seus personagens por meio do estudo de diferentes ciências (como visto no em *Watchmen*, a psicanálise, por exemplo), a fim de torná-los mais próximos da realidade do leitor, propondo-lhe, além de diversão, diferentes perspectivas de vida fora da ficção, um melhor entendimento sobre o mundo e interessantes conceitos científicos sobre diferentes áreas de estudos e sobre si mesmo.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Porto Alegre: Globo, 1966.

COSTA, Gisele B; Petri M. **As manchas de tinta de Hermann Rorschach: Vamos Olhar?** Disponível em: <<http://www.rorschach.com.br/artigo.php?id=4>>. Acesso em: 18 dez. 2013.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 6. ed., 2006.

EGOLEGAL. **Blog sobre saúde mental, psiquiatria, e assistência de enfermagem em saúde mental**. Disponível em: <<http://egolegal.blogspot.com.br/2012/03/o-teste-de-rorschach.html>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. **Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço**. São Paulo: Devir, 2007.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.

GUEDES, Roberto. **A Era de Bronze dos super-heróis**. São Paulo: HQM, 2008.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise Laplanche e Pontalis**. Sob a direção de Daniel Lagache; tradução de Pedro Tamen, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando Quadrinhos**. São Paulo: M. Books, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. São Paulo, SP: Cultrix, 9 ed, 1967.

MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. **Watchmen - Edição definitiva**, DC Comics. São Paulo: Panini, 2009.

MOORE, Alan. **Writing for comics**, v. 1, IL: Avatar Press, 2003.

SCHULER, Donald. **Teorias do romance**. São Paulo: Ática, 1989.

SOCIEDADE RORSCHACH DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.rorschach.com.br/prova-de-rorschach.php>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 10 ed, 2007.

ZIMERMANN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica - uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.